# Treze meses

## Sobre duas acusações da Wikileaks e a nota de dólar americano

#Wikileaks #Assange #FreeAssangeNOW

Otreze é considerado um número azarado em muitas culturas. Um medo extremamente irracional e supersticioso de qualquer coisa associada ao número 13 tem até um nome próprio: triskaidekaphobia. As pessoas com esta fobia chegam ao ponto de evitar salas e andares com o número 13. Assim, em alguns edifícios em todo o mundo, o 13º andar não existe. Por outro lado, o treze é também considerado por muitos como um número de sorte. Os rapazes judeus, por exemplo, celebram a chegada do seu bar mitzvah à preparação religiosa quando têm 13 anos de idade. A nota de um dólar dos EUA esconde 13 vezes o número 13, uma alusão à fundação inicial dos 13 Estados americanos. Além disso, o nome da superestrela do rock Taylor Swift na plataforma de redes sociais X acrescenta um aparentemente insignificante 13 ao seu nome completo.

Treze é também praticamente o número de meses entre duas infames acusações de 2018 e maio de 2019, emitidas pelo Departamento de Justiça dos EUA (DOJ), que constituem a base da prisão de anos do fundador da Wikileaks, Julian Assange.

Antes de 2018, Assange estava a ser perseguido principalmente a partir da cidade de Gotemburgo por uma procuradora sueca chamada Marianne Ny, por uma alegada *"violação"* de duas mulheres em agosto de 2010, que ainda mais alegadamente ocorreu em Estocolmo ou perto dela. No entanto, em Estocolmo, em agosto de 2010, Assange já tinha sido ilibado de todas as acusações de *"violação"* por ninguém menos do que a Procuradora-Geral Eva Finne. Talvez por isso, o caso foi rapidamente transferido para a costa oeste da Suécia, longe de Estocolmo, e reaberto um mês depois. Desde então, o novo procurador de Gotemburgo lançou cerca de treze truques e doces maléficos no prato da justiça - os muitos acontecimentos escandalosos em torno das perseguições de Gotemburgo já foram completamente investigados,

inclusive com documentos FOIA.

Em 2017, o procurador sueco anunciou, durante a primavera sueca de maio, de curta duração mas extremamente feliz, que o caso contra Assange seria encerrado. Seria de esperar que estados de espírito semelhantes começassem a florescer em todo o Departamento de Justiça dos EUA em maio de 2017, mas, em vez disso, nuvens negras começaram rapidamente a assomar a Washington, DC, nessa altura.

Meses antes, Donald Trump tinha sido empossado como o 45º presidente dos Estados Unidos. O aparelho de Estado norte-americano, bastante invisível, reuniu-se em Washington e lançou um ataque atrás do outro para se livrar rapidamente de Trump na Casa Branca. A narrativa de conluio com a Rússia, agora desmascarada, foi promovida, com Trump a ser mesmo alegadamente um espião da Rússia, sob a batuta dos principais meios de comunicação social orquestrados a nível mundial. Foi nomeado um investigador ou conselheiro especial para investigar o alegado conluio entre a campanha política de Trump e a Rússia, exatamente na mesma altura em que o caso de alegada *"violação"* de Julian Assange foi encerrado pela segunda vez em Gotemburgo, tal como antes em Estocolmo.

A 17 de maio de 2017, exatamente dois dias antes de Marianne Ny encerrar oficialmente o processo contra Julian Assange em Gotemburgo, na Suécia, o Procurador-Geral Adjunto Rod Rosenstein, o segundo cargo mais elevado do Departamento de Justiça dos EUA a seguir ao Procurador-Geral Jeff Sessions, oficializou nomeou Robert S. Mueller III, antigo diretor do FBI, como conselheiro especial para supervisionar a investigação sobre as alegadas ligações entre a campanha do Presidente Trump e funcionários russos. Normalmente, o Procurador-Geral assume a tarefa de selecionar uma nomeação tão crucial para o cargo de conselheiro especial, mas, estranhamente, Jeff Sessions recusou-se a participar nesse projeto e entregou essa responsabilidade a Rod Rosenstein que, por sua vez, nomeou Robert Mueller amigo de longa data do diretor do FBI, James Comey, que acabou de ser despedido.

Rod Rosenstein, James Comey e também Robert Mueller não eram realmente amigos do recém-eleito presidente Donald Trump. Na verdade, estavam a conspirar desde muito antes da tomada de posse de Trump para que ele fosse potencialmente extorquível ou dependente das suas organizações de justiça e de informação. Trump recusou-se a fazê-lo e foi visado desde o início, em troca de manter a sua independência.

Assim que Robert Mueller iniciou a sua expedição de pesca a antigos associados, advogados e familiares de Trump com a sua equipa de advogados de alto perfil partidário e democrata - entre eles o alegado *"rapaz propaganda da má conduta do Ministério Público"* Andrew Weissman - a Casa Branca de Trump fez com que um congressista norte-americano chamado Dana Rohrabacher contactasse Julian Assange em agosto de 2017 com uma oferta para um potencial perdão presidencial. Foi pedido a Assange que declarasse que a Rússia não estava por detrás da pirataria informática do DNC de 2016 e que revelasse a sua fonte para os e-mails pirateados de Clinton - um escândalo que foi revelado pouco antes das eleições de 2016 nos EUA, com enormes implicações para toda a presidência de Trump.

Aparentemente, Rohrabacher e Assange não conseguiram chegar a um acordo, porque mais meio ano depois, a 6 de março de 2018, o Departamento de Justiça dos EUA, muito anti-Trump, emitiria uma primeira acusação selada contra Julian Assange. A data desta acusação é interessante porque apenas três semanas antes, o próprio procurador-geral adjunto Rod Rosenstein tinha-se dirigido pessoalmente ao público. Numa acusação bastante falsa contra várias empresas e indivíduos russos, que atraiu a atenção maciça dos meios de comunicação social, Rosenstein afirmou que um pequeno número de indivíduos

com *"centenas de contas falsas nas redes sociais"*, na sua maioria provenientes de São Petersburgo, na Rússia, foram capazes de conduzir uma *"guerra de informação"* contra todo o sistema político dos EUA e interferir nas eleições livres dos EUA. Ninguém foi preso, uma vez que os indivíduos acusados residiam todos na Rússia. As empresas russas indiciadas conseguiram que o seu caso fosse arquivado mais tarde, juntamente com as acusações viáveis, mas também muito ambiciosas, de Rosenstein na altura.

Anúncio da acusação de Rod Rosenstein de 16 de fevereiro de 2018

Talvez estas alegações de acusação tenham sido organizadas também com a ajuda da mulher de Rod Rosenstein, Lisa Barsoomian. Filha de imigrantes arménios, era uma conhecida advogada da R. Craig Lawrence em Washington, DC, que ajudou Hillary Clinton de 1997 a 2017, bem como Bill Clinton, Barrack Obama, James Comey e até Robert Mueller num grande número de disputas e questões legais.

Os incidentes relacionados com a pirataria informática dos servidores informáticos da campanha política de Hillary Clinton em

Tracy Doherty-McCormick

o Comité Nacional Democrata ou DNC, são importantes de mencionar neste momento porque marcaram o início de projecções duradouras sobre a Rússia para desviar a atenção de uma auto-sabotagem muito séria para obter ganhos políticos. Em junho de 2016, uma empresa de software chamada CrowdStrike foi chamada ao DNC para investigar os ataques, depois de ter sido anunciado que os servidores tinham sido comprometidos e os e-mails roubados. Mais tarde, as declarações oficiais do diretor executivo da CrowdStrike mostraram que havia provas de que uma pirataria informática tinha sido *"encenada"*, mas nunca se provou que tivesse realmente acontecido, muito menos por piratas informáticos russos. De uma perspetiva técnica forense independente, muitos poderiam ter sido capazes de exfiltrar os e-mails de Clinton dos servidores do DNC.

Um olhar mais atento sobre os indivíduos do Departamento de Justiça dos EUA responsáveis pelas acusações contra Julian Assange revela envolvimentos adicionais. A acusação selada de 6 de março de 2018 foi emitida pelo Tribunal Distrital do Distrito Leste da Virgínia, O Tribunal de Justiça dos Estados Unidos é um tribunal historicamente conhecido pela rapidez com que trata os casos - é apelidado de *Rocket Docket*. A responsável pelo conteúdo pormenorizado das acusações contra Assange é uma procuradora chamada Tracy Doherty-McCormick. É a primeira procuradora-adjunta dos EUA e é fundamental para a acusação. Doherty-McCormick, apoiada por Joe Biden, mantém um perfil público discreto. É casada, tem dois filhos, um irmão e uma irmã, valoriza a vida familiar (!) e gosta de correr e de maratonas.

Aproximadamente 13 meses após a primeira acusação selada do "rocket docket" do Distrito Leste da Virgínia, o Gabinete do Procurador dos EUA do mesmo "rocket docket" reuniria cuidadosamente e convocaria um grande júri federal por volta de abril de 2019. No início de maio de 2019, a Wikileaks já tinha publicado no seu sítio Web que um grande júri federal dos EUA estava a conduzir investigações. Finalmente, a 23 de maio de 2019, este grande júri federal voltou à acusação com uma acusação suplementar contra Julian Assange.

Curiosamente, o Gabinete do Procurador dos EUA na Virgínia Oriental começou a reunir o grande júri federal exatamente na mesma altura, em abril de 2019, em que o pesadelo de Trump, o Advogado Especial Robert Mueller, tinha terminado a sua investigação com poucas ou nenhumas provas da alegada campanha criminosa de Trump e das ligações dos seus associados à Rússia. Após dois anos de investigação, mais de 30 milhões de dólares gastos com 19 advogados, 40 agentes do FBI, mais de 2800 intimações, 500 mandados de busca, 13 pedidos a países estrangeiros e mais de 500 testemunhas entrevistadas, os membros da equipa de Mueller ganharam um bom dinheiro para si próprios,

Zachary Terwilliger

mas não conseguiram provar de forma alguma que a Rússia e Trump tinham roubado os e-mails de Hillary Clinton e, consequentemente, a sua planeada vitória nas eleições de 2016.

Mais ainda, a acusação de substituição contra Julian Assange foi também assinada em 23 de maio de 2019 por Zachary Terwilliger, Procurador dos EUA para o Distrito Leste da Virgínia, nomeado para o seu cargo por dois senadores democratas dos EUA. O procurador Terwilliger era, e provavelmente ainda é, também próximo do antigo procurador-geral adjunto Rod Rosenstein. Os horários das reuniões de 26 de abril de 2017 no edifício do Departamento de Justiça em Washington, DC, mostram que Terwilliger teve uma reunião de 30 minutos com Rosenstein e com o procurador de carreira Jim Crowell já antes de Rosenstein ter sido empossado como novo procurador-geral adjunto por Jeff Sessions.

| | |
|---|---|
| **3:30 PM - 3:45 PM** | **IT Set-up for DAG Rosenstein -- PADAG's Office - Room 4206**<br>Attendees:<br>Chris Greer<br>SeLena Powell<br>Vincent Shuler<br><br>POC: Nathaniel or Marcia – (b) (6) |
| **4:15 PM - 4:45 PM** | **ATF Briefing -- PADAG's Office - Room 4206**<br>Attendees:<br><br>ODAG: DAG Rosenstein, Jim Crowell and Zach Terwilliger<br><br>POC: Nathaniel and Marcia – (b) (6) |
| **6:15 PM - 7:15 PM** | **Swearing-In of Rod J. Rosenstein as Deputy Attorney General -- Room 4111**<br>Attorney General Sessions will swear-in the DAG at 6:30 p.m. |

O procurador dos EUA Zachary Terwilliger é informado por Rod Rosenstein em 26 de abril de 2017

Terwilliger também viajaria com Rod Rosenstein durante os feriados judaicos do Purim de 2018 - explicitamente mencionados nas actas das reuniões FOIA de Rosenstein para os primeiros dias de março - para San Diego, Califórnia, para uma visita à fronteira. Estaria ao lado de Rod Rosenstein num total de 20 reuniões ou eventos na solarenga Califórnia nos dias 1 e 2 de março de 2018. No sábado, 3 de março de 2018, Rod Rosenstein estava de regresso a casa, participando num jantar com a sua mulher Lisa Barsoomian no Gridiron Club and Foundation at The Renaissance em Washington, DC.

Na segunda-feira, 5 de março de 2018, um dia antes da primeira acusação selada de Assange nos EUA, Rosenstein teve uma reunião com o Procurador-Geral Jeff Sessions à hora do almoço. Teria um briefing cibernético a nível de gabinete no National Cybersecurity & Communications Cente em Arlington, VA - não muito longe do Eastern Rocket Docket da Virgínia - apenas para regressar diretamente ao gabinete de Jeff Sessions às 16 horas. O Procurador-Geral dos EUA, Zerwilliger, seria informado pessoalmente numa reunião prévia com Rosenstein uma hora mais tarde, às 17:15 horas. Na véspera da publicação oficial pelo DOJ da acusação selada de

FOIA Calendário
DAG Rosenstein 2018

Julian Assange, os primeiros funcionários de alto nível entrariam no gabinete de Rosenstein.

Às 20h00 de 5 de março de 2018, Rosenstein teria uma conversa com o Procurador-Geral dos EUA, John Huber, e com um certo Richard Moore, muito provavelmente o que trabalha como perito em

cibersegurança no DHS, e não Sir Richard Moore do Reino Unido. Temos estado a contactar o Sr. Moore, mas ainda não obtivemos resposta. O Procurador-Geral dos EUA do Utah, John Huber, foi provavelmente notificado na altura por Rosenstein sobre a decisão de Jeff Sessions de analisar as alegações republicanas de má conduta do FBI relativamente à investigação de Trump, e também sobre a necessidade de investigar as ligações de Hillary Clinton à agência nuclear russa ROSATOM. No dia seguinte, 6 de março de 2018, o presidente do comité dos serviços secretos da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Devin Nunes, marcou uma reunião no gabinete de Rosenstein, bem como o congressista Mark Meadows, da Carolina do Norte.

Deputado Louie Gohmert numa audiência de supervisão do Comité Judiciário da Câmara dos EUA, em 14 de novembro de 2017

Nunes e Meadows podem ter estado a tentar discutir os próximos passos de Rosenstein em relação às escandalosas revelações da FISA feitas apenas algumas semanas antes. Em 2 de fevereiro de 2018, Nunes divulgou um memorando prejudicial para o FBI sobre aprovações ilegais da FISA, que fazia acusações graves contra altos funcionários do FBI e do Departamento de Justiça, bem como contra o autor do infame dossiê anti-Trump, Christopher Steele. Poucos dias depois, os senadores norte-americanos Graham e Grassley encaminharam criminalmente vários membros de alto nível do DOJ, bem como a própria Hillary Clinton, para Rod Rosenstein. Em 8 de fevereiro de 2018, um antigo informador do FBI teve a oportunidade de testemunhar perante as comissões do Congresso dos EUA e explicar como o dinheiro russo foi alegadamente canalizado para a Fundação Clinton em troca de apoio ao gigante da energia nuclear ROSATOM, principalmente através de uma empresa chamada APCO Global. É também de notar que o DNC tinha apresentado uma ação judicial contra a Wikileaks e a campanha de Trump em 20 de abril de 2018, que foi rejeitada por um juiz de Nova Iorque em julho de 2019.

Também em 2019, outra estranha coincidência ocorreu exatamente um dia após a divulgação da acusação complementar contra Julian Assange. Com um timing incrivelmente perfeito, a 24 de maio de 2019, quatro semanas depois de Rod Rosenstein ter apresentado a sua demissão e apenas menos de 24 horas depois de a acusação complementar ter sido distribuída ao mundo, ninguém menos do que Robert Swan Mueller III. seria finalmente dada a oportunidade de comparecer numa audiência da comissão judiciária da Câmara dos Representantes dos EUA para apresentar, num gigantesco espetáculo mediático, um resumo das conclusões da sua investigação, tal como descritas no falso Relatório Mueller de 400 páginas, e responder às perguntas dos legisladores.

Tal como os 13º andares desaparecidos em vários edifícios, ninguém tinha feito uma única pergunta sobre a acusação contra Julian Assange divulgada no dia anterior. E menos ainda sobre a acusação selada cerca de 13 meses antes.

https://www.sun24.news/pt/treze-meses-sobre-duas-acusacoes-da-wikileaks-e-a-nota-de-dolar-americano.html